

Economia Brasil

CRISE DOS MERCADOS

Críticas de Barros não ajudam o País, diz ACM

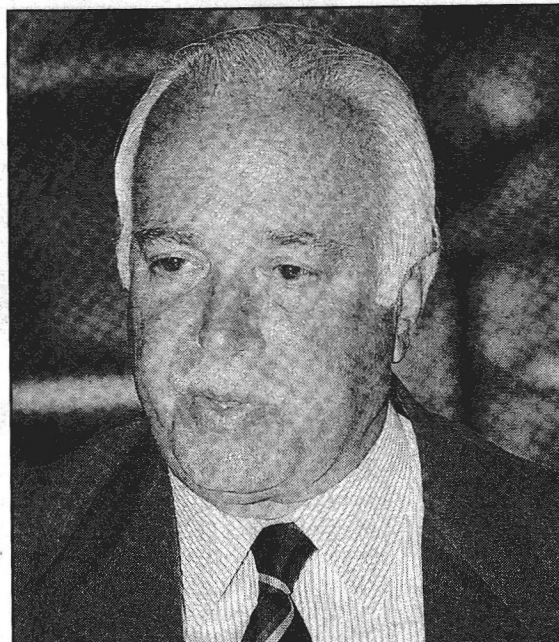
Ministro das Comunicações pregou controle das importações e aumento das exportações

ROSA COSTA

BRASÍLIA – O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), afirmou ontem que as críticas do ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, à política econômica “não servem nem ao País, nem ao governo do presidente Fernando Henrique Cardoso”. ACM disse que tem “a maior admiração” pelo ministro, mas foi duro ao contestar suas declarações sobre o modelo econômico do País, “para atender a seu desejo pessoal ou a de terceiros”. “Ele não está com o presidente”, constatou. “Está contra.”

Mendonça de Barros alertara o governo para a necessidade de aumentar as exportações e impor barreiras às importações, como forma de equilibrar as contas externas do País. Ontem, em Manaus, o ministro reafirmou suas críticas (ver ao lado).

Para o senador, o procedimento do ministro é o de quem não sabe que cabe ao presidente Fernando Henrique conduzir a política econômica. “Ao que se sabe ele tem intimidade bastante com o presidente para ouvir dele se ele é ou não o responsável pela política econômica.” “E é”, ressaltou. ACM destacou que não cabe ao governo apresentar divergências públicas, principalmente nos momentos mais difíceis.



ACM: governo não pode mostrar divergências públicas

PARA SENADOR, PAÍS SE PREPAROU PARA A CRISE

“Essa é a minha opinião, não sei se é a do presidente”, frisou.

ACM disse que não lhe cabe examinar a atuação do ministro, que “achava louvável”. “Julgo entretanto que, no mo-

mento, é contraditória com todo o processo de telefonia que ele fez.” ACM afirmou que considera salutar o presidente Fernando Henrique que quer ouvir opiniões divergentes sobre a política econômica. “O que não é salutar é que essas divergências sejam públicas.” Há uma semana, disse, o presidente reafirmou seu apoio à equipe econômica.

O senador rejeitou a indicação de Mendonça de Barros para um cargo da área econômica, como o de ministro, alegando que ele não

tem “a habilidade necessária que a política exige do cargo de ministro”. A seu ver, Mendonça de Barros pode ser um homem para missões especiais, como de combate à seca do Nordeste.

Crise – ACM apoiou a decisão do presidente Fernando Henrique de não falar em crise econômica no programa eleitoral gratuito. Segundo ele, quando for necessário falar em crise, o presidente deve falar à Nação e não no horário político. ACM afir-

mou que o País vai se sair bem da crise financeira porque se preparou para enfrentá-la em novembro, quando foram adotados vários reajustes. Ele repetiu a previsão feita pelo presidente Fernando Henrique de que o Brasil está preparado para enfrentar os reflexos da queda da bolsa pelo prazo de 14 meses.

O senador admitiu que nesse período pode haver “um ajuste numa ponta ou em outra”. ACM deu como certa a aprovação dos pontos finais da reforma da Previdência ainda este ano, depois das eleições de 4 de outubro. Segundo ele, as mudanças mais arrojadas que o governo quer fazer no setor devem ficar para o ano que vem.

Cauteloso ao falar sobre a possibilidade de o governo suspender o programa de privatização, ele admitiu a idéia apenas “se houver problemas em todos os países e não tiver ninguém para concorrer”.

Ari Vicentini/AE